

OS IMPACTOS DA CIDADE NA SAÚDE EMOCIONAL Alternativas para uma condição saudável

THE CITY'S IMPACTS ON EMOTIONAL HEALTH Alternatives to a healthy condition

A. Fabio Manente

Universidade Paulista - UNIP, Brasil.

fcmanente@gmail.com

RESUMO

Este artigo relaciona o grupo humano ao meio ambiente urbano atual sob a perspectiva da saúde. O objetivo é identificar formas para elevar e estado de bem-estar das pessoas na cidade que, além do ecossistema urbano em construção, é local de exercício das emoções. O resultado da conformação do espaço urbano demonstra interferência direta na saúde humana de forma positiva, mas também de maneira prejudicial. Investigar os impactos causados na saúde emocional, tanto os negativos quanto os positivos, colabora na busca por iniciativas e soluções para a promoção da saúde na cidade, para além das necessárias intervenções urbanas de porte significativo, mas de prazo e custo às vezes incompatíveis com a urgência da demanda por saúde.

Palavras-chave: ecossistema urbano, saúde, cultura.

Linha de Investigação: 2: Cidade e Ambiente

Tópico: Cidade saudável e alimentação

ABSTRACT

This article relates the human group to the current urban environment according to health look. The purpose is to identifying ways to improve people's welfare in the city that, besides the construction urban ecosystem, is the place to exercise the emotions. The result of urban conformation directly influences the human positively, but also in a harmful way. Study the impacts on emotional health, both negatives and positives, improvement in the search for ideas and solutions for health in the city. It will still be necessary the urban interventions of large size but with time and cost that are sometimes incompatible with the urgency of demand for health.

Keywords: urban ecosystem, health, culture.

Thematic clusters: 2: City and Environment

Topic: Healthy city and food

Introdução

Este artigo relaciona o grupo humano ao meio ambiente urbano atual sob a perspectiva da saúde, com o intuito de identificar formas para elevar o estado de bem-estar das pessoas na cidade.

Os estudos já realizados sobre o tema saúde urbana, que serão apresentados na parte 1, demonstram que o ambiente da cidade promove a perda de aspectos da saúde, em outros termos, a cidade gera doenças nos seus usuários. Desde a história antiga são conhecidas as epidemias que atingiam e devastavam as populações, os problemas sanitários eram evidentes ameaças que demandavam soluções. E ainda o são, em especial nos países mais pobres que não dispõem de recursos suficientes para aplicar na solução destas questões. Entretanto os efeitos da urbanização, como a poluição do ar e das águas, a escassez de áreas verdes, a cadeia alimentar deficiente, promovem os conhecidos efeitos prejudiciais aos sistemas respiratório, cardiovascular, gástrico, oftalmológico, entre outros. Com o aprofundamento do conhecimento das doenças metais foram e estão sendo estudados disfunções prejudiciais como alterações no sono, depressão e ansiedade. Fatores como vulnerabilidade social, violência, trânsito excessivo, manifestados no espaço urbano somam-se aos demais citados que resultam na perda de saúde para as pessoas mais suscetíveis. A interferência do uso da cidade recente com o aspecto psicológico do indivíduo e sua relação com a saúde mental e emocional serão abordados na parte 2. O exemplo na Cidade de São Paulo de ocupação das ruas como experiência urbana e emocional serão o assunto da parte 3.

A metodologia para esclarecer o tema central, que é ecossistema no meio urbano e suas transformações sob o paradigma da saúde e quais fatores urbanos contribuem para sua degeneração e seu incremento, foi a soma da leitura da bibliografia disponível com a observação e análise dos movimentos por utilização do espaço público para exercício de cidadania e os reflexos no comportamento das pessoas. Utilizou-se como espaço de observação a cidade de São Paulo. Para os exemplos de experiências coube a observação e análise dos fenômenos apresentados. Minha hipótese é que assim como a cidade enfraquece a saúde, também tem função salutar. Como a vida urbana transforma a saúde, em especial a emocional? Quais são as alternativas para a cidade promover saúde? O objetivo é perceber situações urbanas de implantação viável a fim minimizar os impactos negativos que as populações urbanas estão sujeitas, com ênfase para a saúde emocional,

Investigar os impactos causados na saúde emocional, tanto os negativos quanto os positivos, que este trabalho se propõe a realizar colabora na busca por iniciativas e soluções para a promoção do bem-estar das pessoas na cidade, para além das necessárias intervenções urbanas de porte significativo mas de prazo e custo às vezes incompatíveis com a urgência da demanda por saúde.

1. Ecossistemas em construção e saúde urbana

De maneira ampla, a história nos esclarece como a relação entre o homem e o ambiente em que está inserido resultou na sociedade atual e como ambos vêm sendo transformados. O acúmulo de experiências, desde os primeiros registros até hoje, demonstra como o homem modificou, e ainda modifica, o ambiente e, por consequência, como o oposto também ocorre. Gradativamente a natureza original, foi alterada pelo movimento da civilização. As pedras foram transformadas em ferramentas, abrigos em construções, as terras transformadas em espaço de produção alimentar, os minérios em matéria prima, as águas consumidas e tantas

outras transformações. A estrutura física e psíquica do homem vem sendo alterada enquanto suas habilidades e capacidades se adequam aos momentos vividos. Natural que fosse assim, a necessidade de sobrevivência se impõe.

1.1. Ecossistemas em transformação

Atualmente a vida da maior parte da população de todo o mundo acontece nas cidades. Ocorre que o resultado da conformação atual demonstra interferência direta na saúde humana de forma prejudicial. Aparecem fatores que trazem dificuldades físicas, mentais e emocionais resultantes da vida urbana. São os conhecidos efeitos da poluição ar, modificação do clima, poluição das águas, ruídos dos motores e equipamentos, confusão visual, alimentação inadequada, sujeição a elevados níveis de desgaste mental, diminuição das ocasiões que promovam conforto emocional.

1.1.1. *Ecossistemas: o natural e o urbano*

Importante abordar aqui a noção de ecossistema para além do conjunto de características físicas, químicas biológicas que se inter-relacionam e formam um ambiente onde a vida se desenvolve, seja animal (o que inclui o homem) ou vegetal. Todos os elementos passam por interferência mútua: o ar, a água, os minerais, as plantas, os micróbios, os animais e todos os outros. Existe a transferência de energia entre todos, de forma que um elemento influencia e é influenciado pelo outro e em conjunto formam um sistema de características próprias. O ecossistema natural desenvolvido através do movimento de constituição da terra, caracteriza-se pela transformação e equilíbrio constantes, que passa a ser afetado pela ação humana. O ciclo do transcorrer das civilizações, desde o início conhecido até atualmente, alterou a condição natural e o vem fazendo cada vez com maior intensidade e irreversibilidade.

O ecossistema é composto de vários elementos que interagem e trocam energia. O conjunto de vários deles forma o bioma, unidade de escala maior que caracteriza os grupos semelhantes e com grande diversidade. O conjunto de biomas forma a biosfera e ampliam a noção de inter-relação entre todos a todo o momento. O empenho da Organização das Nações Unidas, ONU, em divulgar e comprometer governos e cidadãos atuarem em sintonia com os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, ODS, apresentados em 2015 como agenda mundial, visa sensibilizar todos para a reflexão e atuação, individual e em grupo. Acentua-se assim a ideia que todos estamos interferindo nos ecossistemas. Esses conhecimentos acima apresentados pertencem a um consenso comum, são sabidos e divulgados, os trouxe aqui para ressaltar a noção de interdependência entre todos os elementos naturais e consequentes resultados desta relação.

Na conformação atual da superfície, de forma muito sintética, apresenta-se: cidades, áreas rurais modificadas que fornecem apoio para as cidades, pedaços originais de natureza (alguns intocados), rios e mares com trechos limpos e outros sujos, alguns destruídos. Ao construir as cidades é preciso considerar que se está construindo um ecossistema, o urbano. São construções humanas que interferem no ecossistema natural, tornam-se próprios e autônomos.

No ecossistema urbano estão o conjunto de construções, paisagens originais e alteradas, águas, energia, ar, vida animal, o homem e muito mais. Formam uma unidade que se inter-relaciona. As paisagens naturais encontram-se alteradas na maioria, quando não destruídas, ainda assim mantêm sua capacidade de interação. O local construído forma uma nova paisagem, em constante modificação. Ao entendimento da cidade enquanto local de produção e consumo, acrescenta-se a noção de construção de ecossistema de alto impacto, a ponto de modificar as estruturas ambientais locais originais. Uma cidade enquanto ecossistema urbano depende de outras, de recursos de alimento, água e energia que estão fora de seu limite imediato. Sua interferência e

abrangência são de dimensões maiores, até chegar à global. Seu impacto chega à escala do bioma e, por conseguinte, à da biosfera, compreendida como a somatória dos ecossistemas natural e urbano e seus resultados.

A ideia de ecologia da cidade ao invés de ecologia na cidade, amplia a pauta da cidade para o planeta, que o define como urbano e evidencia o desenvolvimento sustentável como o desafio do século XXI e questão comum a todos, especialistas urbanos ou não. A cidade sustentável precisa ser reinventada a partir da existente, de modo inteligente e inclusivo com especial atenção à mobilidade e à moradia (Leite, 2012).

É preciso relacionar o meio natural à dimensão histórica e social. Os recursos naturais foram apropriados pelo espaço urbano e utilizados para a valorização do capital, através do exemplo da exploração das várzeas dos rios da cidade de São Paulo. Neste movimento o que menos importa é o indivíduo que arca com o sofrimento da deterioração do meio realizado por poucos que o exploram com estratégias e benefícios próprios. Na degradação ambiental e da saúde está o lado perverso do movimento do capital e de seus empreendedores (Seabra, 2019).

A vida nas cidades tem o sentido positivo que favorece o desenvolvimento da cultura, econômico, social e todas as demais vantagens dos conhecidos efeitos da aglomeração e divisão do trabalho. Cabe destacar que também interfere na saúde física e mental, que passa a ser modificada causando efeitos prejudiciais decorrentes da vida urbana. A cidade fonte de desenvolvimento, avanços e saúde, também pode tomar o indivíduo doente, conforme elucidado no item a seguir.

1.1.2. Saúde e alimentação no ecossistema urbano

No ecossistema urbano em construção, o organismo humano também passa por modificações resultantes dos fatores externos a que está sujeito. As transformações urbanas e as consequentes alterações socioambientais com impactos na saúde caminham pela mente humana. Podem gerar disfunções no organismo e trazer problemas.

A vida urbana traz novas oportunidades para o desenvolvimento social e pessoal. Simultaneamente provoca doenças causadas pela poluição, falta de saneamento, mosquitos, violência e ritmo de vida acelerado. São alguns dos fatores, que acontecem nas cidades de grande, médio e pequeno porte. A cidade tem saúde própria, em analogia à saúde humana, o que nos aproxima da noção de saúde urbana (Saldiva, 2018).

A poluição provocada pela queima de combustível dos meios de transporte público, particular e de cargas pioram a qualidade do ar, quanto mais tempo se passa no trânsito e congestionamento maior a ingestão ar contaminado. A Organização Mundial de Saúde demonstra que o material particulado contido nos poluentes atmosféricos ao ser inalado provoca, em sujeitos suscetíveis, alteração genética que atinge o sistema respiratório, cardíaco e também alteração cerebral. As mudanças ambientais ocorridas na cidade estão modificando a genética humana (Naves e Nascimento, 2016).

O saneamento básico precário com esgotos transportados pelos rios libera gás e odor também prejudiciais ao sistema respiratório, além das conhecidas questões de higiene e salubridade urbana que desde a antiguidade acompanham as cidades.

Os agrotóxicos necessários para o controle de pragas e incremento da produtividade junto com a alteração hormonal pelas quais passam os animais que são utilizados como alimentos não deixa alternativa para qualquer estilo de alimentação. Seja uma pessoa vegetariana, vegana, carnívora ou qualquer outra linha de alimentação, será pouco provável que sua base seja saudável em sua totalidade, como desejado. A esperança é depositada

em alimentos orgânicos ou de origem de pequenos produtores dedicados à melhoria da qualidade de seus produtos, entretanto poucos têm acesso, assim a qualidade alterada dos alimentos interfere no metabolismo do conjunto da população.

A combinação de alimentação através de produtos industrializados com alto teor de gordura com a redução das atividades físicas é um dos fatores do aumento da obesidade na população. São componentes do ecossistema urbano que terão impacto na saúde física dos indivíduos. A sensação de insegurança de origem na violência urbana, o ritmo de vida alterado, a excessiva exposição à luz azul das diversas telas de computadores e aparelhos telefônicos móveis, as frustrações e os desconfortos que atingem as pessoas, a variar conforme expectativas e sensibilidades individual, resultam nos transtornos mentais conhecidos como depressão e ansiedade (Saldiva, 2010).

Os ambientes nos quais o ser humano está inserido, tais como o social, o de trabalho, o familiar e também o consumo de substâncias tóxicas como álcool, drogas e cigarro aliados ao estresse e a exposição de produtos químicos e físicos podem causar danos no DNA de pessoas com condição genética com potencial de alteração. Ocorre assim uma “mutação genética” provocada pelos efeitos da cidade no organismo humano. Este tema tem sido abordado pelo campo da ecogenética, que estuda a interação entre o meio ambiente e os genes (Naves e Nascimento, 2016).

No exemplo da cidade de São Paulo, o processo urbano com a grande massa construída, resultou na impermeabilização do solo, coberto pelas vias públicas e interior dos lotes, na escassez de áreas verdes que realizam a purificação do ar, amortecimento do som e conforto visual. A poluição originada da queima de gás carbônico encontra pouca ou nenhuma barreira de contenção ou purificação. As construções, em sua maioria, são polos geradores de calor por possuírem superfícies de alta absorção resultando em locais que promovem no ambiente aumento de temperatura. Esse conjunto de ações e interferências no espaço urbano resultou na alteração do microclima local, onde percebe-se a diferença de temperatura e qualidade do ar conforme a localização na cidade. São as ilhas de calor que somadas às alterações de outras regiões urbanas, de não urbanas cuja natureza foi alterada ou devastada, de áreas naturais abaladas por queimadas e pela perda da biodiversidade, ao calor e poluição gerados pelo setor industrial resulta nas alterações climáticas que têm sido debatidas na Cúpula de Ação Climática da ONU e demais organizações mundiais e locais conscientes da gravidade destas transformações para o conjunto global. Acrescenta-se contaminação das águas através dos resíduos urbanos e do solo por gases e detritos.

A saúde urbana, ramo da saúde pública com desdobramento para as relações sociais, considera como impacto direto na saúde o adensamento populacional e a interferência do ambiente físico e social somadas às influências mundiais, nacionais e locais. O contexto urbano (físico e social) interfere na saúde dos indivíduos de maneira prejudicial, o que não era de se esperar primariamente, mas também benéfica (Caiiffa e Ferreira, 2008).

No ecossistema urbano em construção e transformação que promove alterações no ambiente natural e nas condições do ambiente social, acontece a alteração física e mental do morador da cidade, com prejuízos à saúde nos níveis citados e também no campo emocional. Alguns prejuízos são irreversíveis, outros tratáveis.

2. Saúde emocional na cidade

A cidade, além do ecossistema em construção, é local da vida que inclui a relação com a mente humana e suas emoções. Nela cabe espaço para os sentidos e sentimentos na busca de bem-estar psicológico que, de

maneira genérica, refere-se a forma como o homem sente-se em relação a si próprio, como se relaciona com os outros, como enfrenta e soluciona suas dificuldades. Essas relações passam a ser afetadas na vida urbana.

2.1. A ideia de cidade para além do espaço construído

A cidade pode também ser entendida como o local de “projeção das relações sociais de produção” (Lefebvre, 1980: 85). E de todas as relações, todos com todos. Henri Lefebvre ao explicar a cidade como local de projeção das relações sociais de produção se aproxima da linha psicológica, embora não seja esta sua abordagem. Com ampla reflexão sobre a urbanização geral da sociedade e sua gênese nos tempos recentes, este autor apresenta como o cenário da cidade atual foi formado e, por sequência fornece as bases das modificações ambientais e de saúde que se depara hoje, e para as quais busca-se encontrar saídas (Lefebvre, 1980).

Inúmeras projeções podem existir. As relações econômicas expressam-se como as mais evidentes onde o espaço monetarizado é representado pelo lugar de viver, consumir e circular conforme condição financeira. Um exemplo de projeção de relações sociais encontra-se nos locais da moradia do rico e a do pobre. Não se pretende aqui emergir e avaliar o debate da desigualdade social, luta de classes, exploração pelo capital, mais valia entre outros temas que as ciências sociais e econômicas se dedicam a estudar, apenas exemplificar de forma preliminar o quanto as relações sociais estão projetadas no espaço.

Não se pretende aqui reduzir a cidade a esses elementos. Ela é mais que isso e possui alma, conforme Hillman, (1993: 14) esclarece, “que é dada a cada coisa, as coisas da natureza dadas por Deus e as coisas da rua feitas pelo homem”. O lado psicológico, que parece ficar esquecido das categorias de análise da cidade, é alertado por Hillman (1993: 9) ao afirmar que: “cada coisa da vida urbana construída tem uma importância psicológica”.

2.2. Cidade e psicologia

O entendimento de psicologia e alma presentes na cidade abre caminho para buscar pela saúde emocional como mais uma abordagem em construção no ecossistema urbano. A saúde emocional liga-se à qualidade de vida e bem-estar e equilíbrio do indivíduo em relação a ele mesmo e ao mundo. Consiste no equilíbrio das funções psíquicas e na capacidade de gerenciar sentimentos de maneira a ter impacto favorável em relação à vida. Relaciona-se com os sentimentos, o conseguir superar situações ruins. A forma de lidar com as emoções será refletida na saúde física e mental. São os sentimentos de alegria, medo, tristeza entre outros que vão e vêm no decorrer das relações sociais.

A cidade apresenta as expressões e a vida do indivíduo em uma natureza moldada pelo homem. Hillman (1993: 37) une cidade e psicologia: “porque a psicologia pertence às cidades, tem-se discutido que a vida urbana é responsável pelas doenças psíquicas.” O espaço oculta características que passam disfarçadas pelos edifícios, ruas, parques, praças, locais públicos e demais elementos que o compõe.

Na dimensão psicológica, as doenças têm também linguagem simbólica que procuram solucionar um problema psicoafetivo e social e carregam mensagens para o restabelecimento da saúde que passam pelo conhecimento integral da natureza humana. As causas da doença estão no campo social e, portanto, com ligação direta na sua produção e no espaço urbano como seu reflexo (Magaldi Filho, 2009).

O conforto da segurança é reforçado pelas pessoas nas ruas e nos locais públicos, seu resultado emocional é benéfico. O caminhar pela cidade promove a reorganização das emoções na medida em que existe a relação com imagens, histórias, pessoas diversas, diferenças de luminosidade. Não se trata aqui apenas do benefício físico do caminhar, mas sim do resultado psicológico de vivenciar a cidade. As pausas são necessárias para o encontro, são os locais dos cafés, bares, mercados, feiras, praças. Representam espaços para cuidar da saúde

mental e emocional. A violência praticada por alguns indivíduos é o reflexo de uma alma não cuidada (Hillman, 1993).

A pessoa emocionalmente equilibrada pode ser afetada por outra desequilibrada, pela violência, trazendo a redução de seu sentido e o conseqüente afastamento da vida coletiva. Entretanto a situação inversa pode ocorrer, por isso a cidade precisa ser aceita e vivenciada.

3. São Paulo: a pessoa na cidade

A cidade de São Paulo, de dimensão e complexidade agigantadas, é o local para observação dos fenômenos apresentados anteriormente. Em sua história recente, passou por redução da vida urbana nos anos 70, época em que as diferenças sociais e culturais resultaram em violência praticada por cidadãos abalados por sua condição social prejudicada e pelas organizações policíacas que reprimiam manifestações contrárias ao governo de então. Consolidou-se nesta época o esvaziamento da área histórica central, o deslocamento de lojas para os shopping centers, a construção de cercas em praças públicas, a elevação da altura dos muros, a intensidade dos assaltos, cada vez mais violentos, nas ruas e em todos os lugares. As crianças perderam a condição de utilizar a rua e a praça para a experiência de brincar. Houve o esvaziamento das ruas como espaço do encontro. Nos anos 80 a administração municipal proibiu aos bares e restaurantes o uso de mesas em calçadas e aos skatistas de utilizarem seu equipamento para lazer ou o simples deslocamento. Uma série de medos passou a pertencer a vida urbana e a fazer parte do cotidiano das pessoas que aos poucos sentiram-se inseguras e reprimidas em utilizarem a cidade de maneira saudável. Pela sensação de medo consolidou-se a perda da cidade como campo de prática da saúde emocional positiva.

A esta condição prejudicada em se relacionar com a cidade promovida pelo medo e pela modificação das relações somam-se as alterações pelas quais passaram o ecossistema urbano: degradação da qualidade do ar, das águas e das paisagens naturais; alterações no micro clima e formação de ilhas de calor; piora da qualidade alimentar e de produtos adequados; alteração do ritmo de vida resultando em um dia a dia estressante física e mentalmente. O espaço público para manifestações da vida reduziu mais ainda.

Em meados dos anos 90, lentamente, a relação com a cidade passou a ser diferente. Aos poucos novas experiências com o espaço urbano surgiram, mas sem perder as marcas do medo e da falta de intimidade que se firmaram nos tempos anteriores. Uma apresentação musical em parque ou praça, uma atividade esportiva aberta a todos, uma atividade para crianças no minhocão fechado aos veículos aos domingos. No início dos anos 2000 poucos cidadãos empenhados na melhora urbana, uma ou outra empresa interessada em ganhos e marketing e timidamente o poder público, aos tropeços, aproximaram um pouco a cidade das pessoas. As mesas voltaram a ocupar as calçadas respeitando-se uma faixa de 1,20m a partir do alinhamento do imóvel para garantir a circulação de pedestres. Os skatistas voltaram a poder circular e receberam pistas próprias. A partir de 2010 aproximadamente, grupos conhecidos como coletivos, compostos por cidadãos independentes de ação pública ou organização privada, passaram a utilizar praças para festas com música e dança, locais antes com pouco uso e resquício de medo das décadas anteriores vislumbraram novas possibilidades. As bicicletas passaram a ser consideradas meio de mobilidade importante para uma nova configuração de cidade que resultou no início da implantação de ciclo faixas e ciclovias que passaram a pertencer ao traçado da cidade e ainda estão em ampliação e estruturação.

Eventos de grande mobilização vêm trazendo as pessoas para as ruas da região central da cidade, que passou a ser mais próxima das pessoas considerando que alguns não a conheciam até então, e da Av. Paulista, um dos símbolos da cidade. Os eventos como a Marcha para Jesus a partir de 1993, o Réveillon na Paulista a partir de 1996, a Parada LGBT a partir de 1997, a Virada Cultural a partir de 2005, a Virada Esportiva a partir de 2007, o fechamento da Av. Paulista com a abertura para pedestres aos domingos a partir de 2016, tornaram-se marcantes para a cidade. Dentre estes a Virada Cultural com a proposta de atrações culturais por 24 horas e ênfase na região central, levou para este setor de pouco fluxo noturno grande número de pessoas que tiveram a oportunidade de visitar o centro à noite e conhecer sua paisagem de uma forma mais amena e interativa. Para todos esses eventos foram mobilizados números grandiosos de pessoas da cidade e visitantes, ocorreram alterações no trânsito e no ritmo do transporte público, demandou-se por logística de mobilização de massas, policiamento e atendimentos de urgência especiais. Como resultado modificou-se e imagem da cidade e por consequência sua relação com ela, independente das convicções de cada um ou mesmo de participar ou não de algum deles.

No ano de 2014 a prefeitura, provavelmente por ter percebido essa mobilização a favor a utilização da cidade, procurou organizar o carnaval emergente de rua promovido por blocos, fora dos limites das áreas de desfiles oficiais, o que resultou em 2015 na consolidação do carnaval de rua da cidade de forma até então não praticada com crescimento expressivo até o presente ano de 2020. Novos problemas de infraestrutura, segurança, lixo, trânsito apareceram e conflitos de usos e interesses surgiram. A ONU-Habitat Brasil ressaltou em breve texto o momento do carnaval como experiência de vida urbana que simultaneamente expõe problemas e conflitos e permite o desejável e salutar uso da cidade pelas pessoas com música, dança e alegria.

Outro exemplo de aproximação com a cidade foi observado no canteiro central da Av. Jabaquara, próximo à Estação Saúde do metrô. Os moradores do entorno o transformaram de uma simples jardineira urbana sem uso e sem cuidado em local de plantação de verduras, que nasceram em meio aos poluentes da avenida e a velocidade dos automóveis. As verduras brotaram devido ao cuidado e organização das pessoas em torno da produção do alimento e de tornar útil um pedaço de terra maltratado e não utilizado da cidade. A experiência aconteceu no ano de 2018, que abasteceu as pessoas da comunidade, e o canteiro central voltou a ficar abandonado.

4. Conclusões

A relação da pessoa com a cidade parece modificar-se a cada evento cultural, esportivo e a cada ação, como o exemplo da plantação de alimento. Cultura, esporte e ações organizadas aproximam as pessoas, o que é positivo e saudável. No encontro promovido pelas ruas ocupadas por pessoas, o medo parece ser derrotado pela alegria e entrosamento, mesmo que por alguns momentos.

A sensação de medo de utilizar a cidade construída nas últimas décadas do século XX prejudicou a ligação das pessoas com a cidade e reduziu as oportunidades de realizar percursos e encontros causando prejuízos à saúde emocional coletiva. O surgimento de eventos e ocasiões em que as pessoas consigam voltar às ruas, mesmo com restrições e em condições especiais, torna-se oportunidade de exercício da cidadania com o incremento da saúde emocional coletiva e individual. A cidade reaparece com uma nova imagem, repleta de realizações e emoções e mais próxima do indivíduo. Cultura, esporte e natureza reúne as pessoas de diversas convicções para o momento do encontro e alívio necessários para permanecerem saudáveis em um ecossistema urbano em transformação.

5. Bibliografia

HILLMAN, J. (1993). Cidade e alma. São Paulo: Nobel.

JUNG, C G. (2013). O eu e o inconsciente. Petrópolis: Vozes.

LEFEBVRE, H. (1980) De lo rural a lo urbano. Barcelona: Península.

LEITE, C (2012). Cidades sustentáveis, cidades inteligentes. Porto Alegre: Bookman.

FERREIRA, F. e CAIAFFA, W. (2008). A cidade é uma estranha senhora hoje sorri e amanhã de devora. Revista Ciência e Saúde Coletiva (São Paulo), 1785-1796.

MAGALDI FILHO, W. Dinheiro, saúde e sagrado. Interfaces culturais, econômicas e religiosas à luz da psicologia analítica. São Paulo: Eleva Cultural.

NAVES, B. e NASCIMENTO, S. (2016). Genética e meio ambiente: docorrências éticas e jurídicas da ecogenética. Revista Direito Sanitário (São Paulo), v. 18, 13-36.

SALDIVA, P. (2108). Vida Urbana e saúde. São Paulo: Contexto.

SEABRA, O. (2019). Os meandros dos rios nos meandros do poder. São Paulo: Alameda.

“Fontes eletrônicas”

<https://nacoesunidas.org/pos2015/> (consulta: 20/01/2020).

<https://nacoesunidas.org/agencia/onuhabitat/> (consulta: 26/02/2020).

<https://www.cemig.com.br/sites/Imprensa/pt-br/publicacoes/Documents/Cartilhas/AF%20cartilha%20emocional%20cemig.pdf> (consulta: 28/02/2020).